

8

Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto

Lucia Scromov

Journalist, professor at Free Universities,

e-mail: l.skromov@gmail.com

HISTÓRICO DO MTST

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TETO

Suas raízes estão no MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Nasce em uma conjuntura de luta pela reforma agrária e de grande repressão no campo. Nos anos 1990, o MST é o maior movimento popular organizado no Brasil e luta pelo fim dos latifúndios e pelo fortalecimento da agricultura familiar. O poder dos latifundiários não dá trégua aos sem-terra e, em 1996, acontece o massacre de Eldorado dos Carajás, quando a polícia do Pará – norte do país - executa dezenove lutadores rurais. Neste período, o MTST dá início às suas atividades no Estado de São Paulo. Com força em SP, o MTST torna-se referência de combatividade nas cidades de todo

o Brasil. Vários militantes e coletivos de outros lugares do país passam a construir a luta e levantar a bandeira do MTST. Roraima, Tocantins, Ceará, Rio de Janeiro e Distrito Federal são os Estados do Brasil em que o movimento tem atuação hoje, com ocupações e lutas por moradia e por dignidade.

Aprendendo com o decorrer de suas experiências, o MTST representa um grande avanço na organização de trabalhadores em busca de seus direitos e de uma moradia digna e estabelece métodos que privilegia a relação com os moradores dos bairros próximos à ocupação. O MTST está na periferia e não só nas ocupações. Ajudou a formar a Periferia Ativa (www.periferiaativa.org), operando com organização de favelas e da periferia, mostrando a importância do trabalho com comunidades na busca por solução de seus problemas, organizando as lutas e o comunitário, explorando a questão da territorialização. Aliás, a Periferia Ativa, que reiniciou neste ano suas atividades, coloca o MTST diretamente em contato com lutas de diversos setores dentro da periferia de São Paulo. Articula-se com os principais movimentos urbanos combativos do Brasil e ajudou na formação da Frente de Resistência Urbana (www.resistenciaurbana.org).

Sua prática de solidariedade vai de dentro para fora do país, com movimentos sociais e políticos, organizações populares, organizações sindicais e partidos combativos de esquerda (PSOL, por exemplo). Por vezes, o MTST estabelece acordos com parceiros locais próximos a uma ocupação, como no caso de Taboão da Serra, onde uma parte das unidades habitacionais será destinada a um Movimento aliado na região. Encarrega-se de estreitar relações de parceria e de apoio com companheiros lutadores no Brasil e mundo afora:

Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST/Movimento Passe Livre - MPL/
Uneafro/Círculo Palmarino/Movimento dos Sem- Teto da Bahia - MSTB/Terra Livre
- Movimento Popular do Campo e da Cidade/Quilombo Urbano - Movimento de Hip
Hop organizado do Maranhão/Brigadas Populares/Pastoral Operária/Fábricas Ocupa-
das/Tribunal Popular/Observatório das Violências Policiais - /Comitê Pró-Haiti/ SP/
Centro de Mídia Independente - Brasil/Agência Carta Maior/Revista Caros Amigos/
Brasil de Fato/Correio da Cidadania/Rajo y negro/CGT Espanha/FENASPS/Blog da
Raquel Rolnik/LABHAB/CEDIB/SINTRAJUD/SINSPREV/ADUSP/ANDES/Rádio
Cirandeira/Fogoneros/

A GEOGRAFIA DAS OCUPAÇÕES

O MTST dá início às suas atividades no final dos anos 90. Já desde o começo busca nomear as ocupações e acampamentos homenageando grandes figuras forjadas na luta pela libertação e pelo socialismo.

Logo após os massacres no norte do país, em 1996, o MTST ocupa em Campinas, uma das maiores cidades do Estado de São Paulo, uma área que foi chamada de “Parque Oziel”, em homenagem ao trabalhador rural morto em C arajás; essa área foi ocupada por 200 famílias e, em menos de quatro meses, já alcançava o admirável número de 4.500 famílias.

Dando seqüência às suas atividades, em 2001, faz uma ocupação na região de Guarulhos/SP, dando-lhe o nome de “Anita Garibaldi”, com mais de 2.000 famílias. Permanece no terreno ocupado sem sofrer despejo até o momento – o que já está sendo considerada uma grande vitória.

Em 2002, O MTST realizou a ocupação “Carlos Lamarca” em Osasco – cidade de tradição de luta operária e resistência à ditadura - e com uma história de cinco despejos violentos e muita resistência, em 2013, as famílias que lutaram tanto finalmente conquistaram sua moradia – são várias torres de 5 andares.

Em 2005, a ocupação “Chico Mendes”, no Taboão da Serra /SP reacende a luta do MTST. Foi feito o primeiro enfrentamento direto ao governo federal, com a “Greve de Fome na Casa do Lula” - uma greve de fome que durou 15 dias em frente à casa do então Presidente da República e obteve uma conquista parcial (bolsa aluguel). Com a repercussão, houve a aproximação de muitos militantes de fora da luta por moradia, diversificando inclusive as atividades nos acampamentos, fazendo filmes, saraus, cirandas etc.

Em 2007, em Itapecerica da Serra, a ocupação “João Cândido”, com mais de 5.000 famílias, representa um grande avanço na organização de acampamentos, a rotina dos trabalhos, as cozinhas coletivas, a formação dos setores dentro e fora da ocupação, a relação com os moradores dos bairros vizinhos ao acampamento, as ações contra a prefeitura e o governo estadual etc. E, então, nasce um método de organização que pretende ampliar a luta, buscando outros setores e aliados na região onde se encontra a ocupação.

Entre 2001 e 2007, o MTST realizava uma ocupação por ano, mais ou menos, mas modificou sua prática ao avançar para uma luta mais organizada no Estado de São Paulo. Em 2008, realizou três grandes ocupações (Embu – “Silvério de Jesus”; Mauá – “Terra e Liberdade” e Campinas – “Frei Tito”), no intuito de estadualizar a luta do MTST em três diferentes e importantes regiões do Estado de São Paulo (Sudoeste de SP, ABC e Campinas). Com ousadia, iniciou as ações nacionais com travamentos de rodovias e foram consolidando as três regiões, com mais ocupações, ainda durante o ano de 2008. Entre elas, a ocupação “Zumbi dos Palmares”, que conseguiu derrotar a prefeitura da cidade de Sumaré (região de Campinas), o proprietário da área e o governo federal, graças à mobilização estadual numa luta histórica – acampamento e acorrentamento na casa do então presidente Lula.

Em 2010 foi realizada a ocupação “Che Guevara” em Taboão da Serra/SP e a ocupação Nova Palestina em Santo André/SP. Em 2011, em Hortolândia, região de Campinas, a ocupação “Dandara” - em homenagem à companheira de Zumbi dos Palmares. O massacre do “Pinheirinho” (São José dos Campos/SP) abre um novo momento. E o MTST não recua: dois meses depois ocorreram três ocupações chamadas de “Novos Pinheirinhos” (Embu/SP, Santo André/SP e Ceilândia/DF).

FUNCIONAMENTO DAS OCUPAÇÕES

Desde a abertura das ruas, passando pela organização da coleta de lixo, até a forma de solução dos problemas cotidianos podem representar, numa ocupação, um aprendizado de decisão e trabalho coletivo. As cozinhas comunitárias das ocupações talvez sejam o maior exemplo disso. Nos acampamentos do MTST há um esforço no sentido de garantir pelo menos uma cozinha para cada grupo de 50 a 100 famílias. Estas cozinhas funcionam com base na doação dos próprios moradores e no trabalho voluntário, em sistema de revezamento. Com essa iniciativa, cria-se um vínculo sólido de trabalho coletivo e, ao mesmo tempo, assegura-se que ninguém passe fome no local ocupado. O que está em jogo é a construção de soluções coletivas para os problemas que afetam a todos. Além disso, ao realizar regularmente assembléias para a tomada de definições sobre as questões da comunidade e ao definir coletivamente as regras para o uso do espaço, os ocupantes saem da posição política de completa passividade,

que marca a democracia burguesa. Muitas vezes, esse exercício de decisão coletiva produz um resultado duradouro, ao formar novos militantes para a luta dos trabalhadores no Brasil. São aqueles que, com esta experiência, perceberam que podem lutar para decidir também os rumos da sociedade em que vivem.



AS DESOCUPAÇÕES À BASE DA REPRESSÃO/RESISTÊNCIA

De uma forma ou outra, as ocupações sofrem represálias, mesmo quando não há ordem de despejo. Na maior parte dos casos a violência policial é marcante. O espancamento traiçoeiro é uma prática comum da polícia que, geralmente, invade à noite o

lugar. Há prisões e mortes, há desaparecimentos de corpos e não há punição para os responsáveis, uma vez que no processo estão implicados os poderes estadual e municipal. Mas a resistência caminha paripassu com a violência. O mundo acompanhou o que as autoridades, conluídas com as empresas particulares na escalada selvagem da especulação imobiliária, fizeram com o “Pinheirinho”. O mundo ficou de boca aberta ao ver as pessoas sendo massacradas e, ainda assim, resistindo. Isto ocorre em todas as ocupações. Quem ocupa sabe o que quer e sabe das conseqüências e está disposto a passar por isto. Assim cresce a consciência e assim abrem o caminho para o socialismo.

O PAPEL FEMININO NA RESISTÊNCIA À DESOCUPAÇÃO

A maior parte da coordenação do movimento é feminina e são essas lutadoras que organizam vários dos atos que requerem muita coragem. Quando a ocupação se encontra ameaçada de despejo, formam verdadeiras brigadas de resistência e tomam a linha de frente no confronto com a polícia militar ou mesmo o exército.

As mulheres têm uma grande presença nas ocupações. Muitas se doam às atividades do acampamento por estarem desempregadas; outras, pelo fato de não trabalharem em tempo integral ou por terem um emprego de doméstica que não as ocupam todos os dias da semana. Costumam organizar a cozinha coletiva, tarefas de educação e formalizar as assembléias.

Durante o dia, o acampamento é repleto de crianças, visto que as escolas locais oferecem apenas turnos parciais (matutino, vespertino ou noturno). Também é bom lembrar que as crianças e jovens que freqüentam as escolas locais são discriminadas pelos diretores e, muitas vezes, por professores. As mulheres, então, tomam a frente e organizam a educação das crianças em locais improvisados que logo se tornam permanentes. Cuidam de montar creches e fornecer lazer para as crianças e jovens, e têm forte presença nas atividades culturais.

AS CONQUISTAS DO MOVIMENTO

Afortunadamente o MTST começa a armazenar conquistas, além da consciência. Os exemplos estão se dando em Osasco, região onde foi montado o acampamento “Carlos Lamarca”. Anos e anos purgando a vida num local que pode ser considerado abaixo da linha da miséria, o pessoal resistiu ali e não aceitou o desalojo. Desde dezembro de 2012 estão vivendo em apartamentos, pequenos, de fato, em prédios de 5 andares, com área de lazer e de fácil acesso, com presença de transporte público. Para o pessoal do acampamento “Chico Mendes” e “João Cândido” na região sudoeste, e “Zumbi”, em Sumaré, e “Cristina” e “Novo Pinheirinho”, no ABC Paulista, também o sonho se realizou. Seus moradores pagando, a duras penas, as suas casas, mas estão vivendo de modo mis digno.



E, segundo um dos coordenadores do Movimento, há uma obra acontecendo via MCMV Entidades do João Cândido:

Diz ele:

Foram anos de muita organização e de grandes lutas. A persistência de milhares de lutadores da ocupação Chico Mendes (desde 2005) e da ocupação João Cândido (desde 2007) começa a trazer seus frutos. Neste dia 6/6/2012 se iniciam as obras para a construção de 896 apartamentos para as famílias lutadoras, obras que serão coordenadas pela Associação do MTST.

Uma parte das unidades habitacionais será destinada a um Movimento aliado na região, conforme acordo anterior - o Movimento Sem Terra de Taboão. A parte dos apartamentos que será do MTST irá atender famílias das ocupações mais antigas do Movimento na região. Os recursos para construção virão da Caixa Econômica Federal e da Secretaria Estadual de Habitação. A CDHU entrou ainda com o a viabilização do terreno.

Este conjunto habitacional representa uma grande vitória. Além da conquista do direito à moradia pelas famílias lutadoras, o conjunto será um modelo em relação a outros empreendimentos do Programa Minha Casa, Minha Vida. Metade dos apartamentos terão 3 dormitórios, o tamanho será bem maior que o padrão, os prédios terão elevadores e o condomínio contará com uma série de equipamentos sociais e esportivos, como quadras, arena de teatro, unidade de saúde e creche.

Entrevista feita a Jota – (João Albuquerque - Líder fundador do MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto)

Qual é o objetivo do MTST no que concerne às ocupações. A questão habitacional está em pauta, mas o MTST se ocupa exclusivamente dela?

É uma característica original do movimento a compreensão pelos militantes de que a solução do problema da habitação só se efetiva com a solução de outros problemas públicos e sociais. Daí a bandeira da Reforma Urbana. Essa Reforma Urbana pode ser ou não uma Reforma de mercado. Em si, a luta em forma de ocu-

pação de terrenos vazios nas grandes cidades é um questionamento aos interesses especulativos de apropriação do próprio espaço urbano e a politização desta luta coloca o movimento frente à possibilidade da ruptura dessa contradição. Quando não há forças necessárias que apontem êxitos à luta do MTST, este se direciona pela apropriação das conquistas econômicas e construção paralela de processos formativos que permitiram a crítica desta aceitação pela sua base. Essa apropriação insubordinada coloca o MTST no sentido do socialismo.

Quais são os princípios ideológicos do Movimento. Como nasceram tais princípios, antes, durante ou à medida em que as ocupações iam amadurecendo?

Inicialmente o MTST surgiu vinculado ao MST e, portanto, atuava em ocupações de sem - teto num projeto de alteração da relação de forças entre campo e cidade e apoiando as ações do MST no campo com grandes contingentes urbanos.. Posteriormente, defrontando-se com novos desafios criados pela própria expectativa da base e dos militantes que surgiram nas lutas urbanas, se viu como necessária a construção de um próprio sistema organizativo. Ao longo de sua existência foi elaborado alguns princípios e linhas políticas. Destacarei aqui alguns :

- 1) - Construção do poder popular: O objetivo do poder popular é o socialismo e este só existirá se tiver poder popular. Hoje no Brasil a construção de uma alternativa de poder popular só é possível pela união entre movimentos sociais e sindicais, entendendo que no interior de cada organização sindical ou social há que se priorizar as práticas de decisões coletivas e a construção de vitórias que resultem de lutas populares;
- 2) – Unidade: Existem várias associações, movimentos e lideranças populares nas favelas e bairros. O MTST não pode ser mais um a dividir este espaço; ele tem que unificar todos os demais nas lutas e nas vitórias. Se não houver união nas pequenas lutas, dificilmente construiremos unidade nas grandes lutas;
- 3) - Formação política: O desafio que vem sendo superado pelo movimento é grande; é o desafio da formação pela base. A maioria dos militantes que hoje ocupam a direção do MTST é formada por militantes que vieram da base do próprio movimento. Mas essa é uma formação que se baseia no território como espaço de

construção de identidades coletivas e tem, por esta razão, características próprias adotadas do perfil cultural das pessoas de bairros periféricos, mas nem por isso deixa de ser uma formação de cunho marxista. Para as bases, são realizados cursos de formação sobre o funcionamento da sociedade capitalista, criticando a cidade do capital, o papel do Estado Burguês, abordando especialmente o problema dos despejos e da violência urbana e a necessidade de construção organizativa dos trabalhadores;

4) - Nas instâncias e coletivos há liberdade de discussão e unidade na ação. Alguns interpretam isso como centralismo democrático.

5) - O princípio da ação direta:. O MTST não nega a luta parlamentar, mas não acredita que haja perspectivas revolucionárias nela. Reafirma que a única forma de se construir mudanças é pela via da ação popular nas ruas.

websites

<http://www.mtst.org/>

<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/100930>

<http://www.cartacapital.com.br/revista/802/os-novos-protagonistas-631.html>